

## Apresentação do Dossiê

Filosofia, Psicanálise e Pandemia: Contemporaneidade, Sofrimento e Morte

*Philosophy, Psychoanalysis and Pandemic: Contemporaneity, Suffering and Death*

**Autor: Eduardo Ribeiro da Fonseca**

**Vínculo: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**

**E-mail: eduardorfonseca@uol.com.br**

O presente dossiê reúne parte expressiva dos textos apresentados durante o colóquio virtual *Filosofia, Psicanálise e Pandemia: Contemporaneidade, Sofrimento e Morte*, ocorrido entre os dias 15 e 17 de julho de 2020 e promovido pelo GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF. A história do surgimento deste Colóquio se confunde com a própria situação histórica em que ocorreu e que, de certa forma, o gerou. De fato, o início da pandemia foi um acontecimento que modificou profundamente todas as relações sociais, que já vinham se deteriorando anteriormente de maneira avassaladora devido às crises no âmbito político e econômico que já atravessávamos e que se acentuaram ainda mais com a crise sanitária. Foi nesse momento que nosso Grupo de Trabalho passou a perceber a necessidade de refletir e debater acerca dessa crise sanitária e suas consequências para o pensamento psicanalítico, em um evento de proporções nacionais que reuniu alguns dos principais nomes que pesquisam a Filosofia da Psicanálise no Brasil, que na ocasião contou com 744 inscritos e que teve desde então cerca de 11.000 visualizações dos vídeos que registraram a integralidade das mesas-redondas (dados de 17 de dezembro de 2020).

Os participantes das mesas-redondas do Colóquio foram Zeljko Loparic (Conferência de abertura), Francisco Verardi Bocca, Weiny César Freitas Pinto, Rodrigo Barros Gewehr, Fernanda Silveira Correa, Allysson Alves Anhaia, Alessandra A. Martins, Suely Aires, André Medina Carone, Daniel Cardoso Severo, Vinicius Armiliato, Alessandra Helena Triaca, Letícia Campos e Silva, Julia Joergensen Schlemm, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Ana Carolina Soliva Soria, William McCormick Maron, Maria Cristina de Távora Sparano, Aline Sanches, Josiane Cristina Bocchi, Eladio Pablo Craia, Caroline Vasconcelos Ribeiro, Léa Silveira, Jessica Kellen Rodrigues, e, fechando o evento, Claudia Murta e Daniel Omar Perez.

Para este dossiê foram selecionados os seguintes trabalhos: “O Corpo como ensaio para o amor e para a morte: narcisismo e desamparo em tempos de pandemia”, de Josiane Cristina Bocchi; “Os caminhos do ódio na civilização, propostos por Freud, e como eles se apresentam no Brasil atual”, de Fernanda Silveira Corrêa; “Freud além de Freud: uma leitura feminista decolonial de O mal-estar na civilização”, por Alessandra Affortunati Martins; “Pulsão de morte, entre a repetição e a criação”, por Aline Sanches; “Vida e memória: sobre a inscrição de traços mnêmicos na matéria inanimada”, por Ana Carolina Soliva Soria; “Mais aquém do Além do princípio do prazer: um retorno aos manuscritos”, por Caio Padovan e Weiny César Freitas Pinto; “Antígona e a violência do significante”, por Allysson Alves Anhaia e Eduardo Ribeiro da Fonseca; “A pandemia e seus efeitos: as consequências psíquicas do excesso de idealização”, por Julia Joergensen Schlemm; “As Perturbações na percepção em tempos de pandemia: o viés da repressão”, por Letícia Campos da Silva e Eduardo Ribeiro da Fonseca; “Pulsão de morte e resistência, onde o orgulho se transforma em arrogância”, de Daniel Cardozo Severo”; “O que esperar da sociedade frente a uma pandemia? Freud-Canguilhem”, por Vinícius Armiliato; “Freud e a Destrutividade Humana: todos os demônios pelas ruas”, de Eduardo Ribeiro da Fonseca.

O conjunto desses textos procura caminhos que indicam, não sem certa perplexidade, as rupturas e a descontinuidade das costumeiras práticas de sociabilidade e dos laços humanos, portanto, intersubjetivos, e, por outro lado, propõem reflexões que servem como uma tentativa, no calor do momento, de pensar a possibilidade de reatar esses laços entre as pessoas através de uma rearticulação que está expressa na própria disposição de seus autores em dar uma resposta do ponto de vista civilizatório, ao negacionismo e à destrutividade crescente que aparecem como sintoma de declínio do laço social, não só no Brasil, mas no mundo contemporâneo como um todo. No Brasil, temos, por certo, uma situação peculiar, uma calamidade ainda maior em função do destrutivismo de extração bolsonarista e, em função dos seus efeitos trágicos, a sedação da população através da mentira e a consequente indiferença à morte de centenas de milhares de pessoas. Tal indiferença acaba atingindo a todos nós de alguma maneira em função da banalização das mortes e do tratamento estatístico da hecatombe social representada pela exclusão dos atingidos de qualquer forma de dignidade humana, sem assistência, morrendo asfixiados nos corredores dos hospitais, observados por outros doentes que terão o mesmo fim. Trata-se, portanto, de uma história quase sobrenatural, que poderia ser concebida para mexer com os nossos medos mais básicos, se não fosse a

pura realidade em que ainda vivemos. Em fevereiro de 2021 chegamos à marca de 250 mil mortes, com os hospitais em colapso e com Bolsonaro fazendo o que pode para piorar os números dessa situação, o que significa nos colocar a todos na situação de risco máximo com a disseminação de novas e mais destrutivas cepas desse vírus, em função do descontrole e da insanidade das políticas públicas federais. Em meio ao cinismo e à desinformação que transbordam do projeto político de Bolsonaro e nos oprimem com a sua crueldade, o leviatã do vírus se ergue sobre nós e nos subtrai a dignidade humana e nos coloca a refletir a partir dos textos do presente dossiê que gira em torno dos temas do sofrimento e da morte. Tal reflexão se fez urgente e ainda o é, fazendo-nos também considerar que a filosofia da Psicanálise faz borda com a clínica e com as outras instâncias do pensamento, da ação social e da saúde mental, a partir dos conceitos fundamentais de pulsão e de inconsciente a partir dos quais se estruturam a maioria de nossas reflexões aqui presentes, que servem como nosso norte magnético para reestruturar nossa pauta comum em torno dos problemas do mal-estar na cultura, da transitoriedade, da fugacidade do efeito civilizatório em contraste com a persistência fundamental da destrutividade humana, proveniente de algo que está além e aquém do horizonte histórico e concreto que nos permite em um novo volteio da pulsão de vida, reinaugurar os nossos laços em torno do esforço civilizatório, bem como também em torno de pautas comuns envolvendo psicanálise, filosofia, ciência, a arte e o conjunto das instituições democráticas. A Psicanálise, assim como a filosofia da Psicanálise, apesar das advertências com relação à destrutividade humana, não pode conceber a vida senão como um contínuo processo de depuração de nossa vida social em torno dos laços de amor, e de amizade.

Nosso evento de julho de 2020, bem como os textos selecionados para este dossiê, expressaram o vigor desses laços dentro do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF. Cada autor no âmbito de sua experiência social e intelectual singular procurou refletir as consequências da pandemia do ponto de vista do laço social, bem como denunciar o obscurantismo e reforçar a perspectiva comum em torno do pensamento crítico e da luta pelas instituições democráticas, pelo reconhecimento da importância do conhecimento e pela defesa da saúde coletiva como formas de resgate da dignidade humana e da justiça, especialmente no que concerne aos desfavorecidos, dos doentes e dos idosos, as principais vítimas da súcia que procura abalar e destruir com ódio e violência os pilares do esforço civilizatório no ambiente social brasileiro. Cada um dos textos merece, portanto, nossa dedicada atenção e gratidão em função do papel que

desempenham na reação tanto aos efeitos deletérios da pandemia em si mesma, quanto em relação ao acréscimo de mal-estar representado pelo ímpeto homicida e delirante que sabota o esforço pela saúde e pela preservação das instituições democráticas.